

DE LEITORES A ESCRITORES: UM CAMINHO NATURAL

Oldênia Fonseca Guerra¹

INTRODUÇÃO

Quem vive o cotidiano escolar sabe que as atividades de leitura e escrita ocupam espaço central nas preocupações evidenciadas por professores em geral, e em especial, pelos professores de língua portuguesa. São freqüentes comentários do tipo “os alunos não sabem ler”, “os jovens não gostam de ler”, “têm muita dificuldade para escrever”. Enfim, é lugar comum a preocupação com a formação de leitores e de escritores que tenham o domínio dos processos de comunicação e expressão, condição fundamental para a inserção das pessoas na chamada sociedade da informação (ou do letramento), na qual vivemos.

Este trabalho é fruto dessa preocupação. Ele nasceu da necessidade de melhorar a expressão escrita e oral dos alunos de 5ª e 6ª séries do Colégio Agrícola de Bom Jesus e da vontade de fazer da leitura uma prática constante e prazerosa na vida desses jovens.

Ao assumirmos a disciplina de Leitura e Redação, no início de 2005, percebemos logo, nos primeiros contatos, a rejeição que os alunos tinham à disciplina pelo fato de, na concepção deles, obrigá-los a ler, interpretar e produzir textos sobre determinados temas. Sentimos então a necessidade de implementar uma forma que levasse os alunos a ler e a escrever naturalmente e prazerosamente. Foi então que colocamos em prática um Projeto de leitura simples, que consiste principalmente, e em linhas gerais, em motivar os alunos a formar um acervo bibliográfico específico para a turma, ambientá-los em um local específico, atribuir um selo com um total de pontos a cada título, iniciar um sistema de empréstimo/rodízio semanal, possibilitar diferentes formas de socializar as leituras feitas e, tomando todo o trabalho anterior como pretexto (GERALDI, p. 92, 2005) fazer com que cada aluno e aluna participante produza seus próprios livros infantis, com direito a festa de lançamento e aplausos entusiasmados de toda a comunidade escolar.

¹ Licenciada em Letras, Mestre em Educação, professora da Universidade Federal do Piauí, lotada no Colégio Agrícola de Bom Jesus.

Temos a certeza que não inventamos nada de novo, original ou extraordinário. Por isso mesmo, por estarmos navegando em águas já conhecidas, é que os resultados alcançados revestiram-se de grande relevância para esta comunidade escolar e podem servir de estímulo para outros colegas professores que vivem no dia-a-dia o desafio de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura e a habilidade para escrever e compreender os diferentes textos e contextos que permeiam o universo escolar.

Acreditando que é a escola o espaço propício para a formação de leitores e escritores², já que é na sala de aula que os textos circulam livremente como objeto de ensino e aprendizagem, procuramos nos apropriar das teorizações a cerca da leitura, buscando, sobretudo, construir um caminho de reflexões e questionamentos. Tudo isso com vistas ao aperfeiçoamento da prática de leitura, com todas as vantagens que isso implica para a formação integral dos alunos. Por isso, para dar sustentabilidade a um projeto de leitura, era inevitável um mergulho nos estudiosos do assunto.

REFERENCIAL TEÓRICO.

O saudoso Paulo Freire, ao discutir sobre os saberes necessários à prática educativa, já sinalizava sobre a importância da linguagem no processo comunicativo. Para ele, “um dos sérios problemas que temos é como trabalhar a linguagem oral ou escrita” (1997, p. 133). Levando em conta que ao adentrar na escola, o educando traz consigo uma linguagem oral já bem delineada, com todas as marcas culturais subjacentes a ela, o papel da escola tem sido o de adequar esta linguagem ao modelo padrão, permitindo na linguagem oral, maior flexibilidade no uso, variando segundo a região do falante, a idade, grupo social, grau de letramento, dentre outros. Já com relação à linguagem escrita, a escola trabalha com o padrão normatizado pela gramática, onde a norma culta estabelece os ditames da comunicação escrita. É exatamente neste ponto, na apropriação da linguagem escrita padrão que está posto o desafio para professores e estudantes, não só da área de língua portuguesa. Mas de todos os campos do conhecimento, uma vez que a apropriação dos saberes passa primeiro pela apropriação do processo comunicativo.

² O termo escritores está empregado neste projeto para designar todos aqueles que desenvolveram a habilidade da escrita e para se referir às crianças que produziram seus próprios livros infanto-juvenis, independente do aspecto literário.

Diante das dificuldades na expressão escrita que afetam muitas pessoas, em especial as crianças no ensino fundamental, cabe-nos indagar por que é tão difícil escrever bem? Como se explicam tais dificuldades, qual o papel da escola e do professor na formação de escritores?

Mata (2003), relaciona diferentes dificuldades demonstradas pelos escritores ineficientes, que vão desde o processo de planejamento, execução, transcrição, revisão, conhecimento da estrutura textual e da forma do texto até chegar à hipótese de que as dificuldades na escrita podem ocorrer por deficiências no ensino. Todavia não se pode compreender as dificuldades da expressão escrita sem incluí-las em um contexto mais amplo e sem relacioná-las diretamente com a questão da leitura.

Muitas das dificuldades evidenciadas na produção escrita podem ser minimizadas ou sanadas ao conectar a leitura à escrita, ao mesmo tempo em que trabalhamos para tornar o ensino mais eficiente, cumprindo a função precípua do professor de ser um mediador no processo de construção do conhecimento da leitura e da escrita.

Neste sentido, a escola pode ser o espaço ideal para incentivar a leitura, não só de textos curtos, fragmentados, mas de livros, revistas e todos os outros veículos de propagação da palavra escrita. Por outro lado, ela pode também afastar crianças e jovens no universo literário na medida em que impede iniciativas e estratégias próprias dos alunos/leitores e reduz o ato de ler ao preenchimento de roteiros de leituras e textos. Não queremos dizer que a escola abra mão da leitura didática, mas que extrapole os limites da pedagogia e deixe-se guiar pelas múltiplas possibilidades encantadoras que a magia das palavras oferece.

Não se trata de condenar a escola ou a relação desta com a leitura. Pelo contrário.

“Muitos de nós somos leitores porque a escola assim nos formou, ou nos tornamos leitores à revelia da escola? O fascínio pelo texto pode ser anterior à escola, mas podemos afirmar que, na escola, conhecemos outros textos, descobrimos outros caminhos e alimentamos o gosto pela leitura. Em nossa formação de leitores, ouvimos histórias lidas pelos professores, declamamos poemas, representamos pequenas peças, lemos textos e textos, sem necessariamente ter feito uma prova de verificação de leitura nas primeiras séries do ensino fundamental. Havia regras, métodos, rituais, mas circulavam textos e se partilhava a paixão pelo ato de ler”. (PAULINO. 2001, p.29)

Muitas vezes, a escola é o único lugar em que as crianças têm acesso aos livros, revistas e jornais. É um espaço privilegiado de encontro entre o texto e o leitor. Numa sociedade desigual como a brasileira e empobrecida como a nossa piauiense, a escola não pode prescindir do seu papel de transformação social. Sobre esse assunto, Magda Soares (1991), comenta a diferença da leitura para as classes menos favorecida, mostrando que para estas, a leitura é fator de ascensão social, instrumento para obtenção de melhores condições de vida.

Enquanto educadores, não podemos esquecer que, anterior e paralelamente ao processo de desenvolvimento da leitura da palavra, precisamos aprender e ensinar a fazer a leitura do mundo. (FREIRE. 1997, p. 90). Do mundo que nos rodeia, do mundo infanto-juvenil, do mundo da expressão escrita, do mundo que nos apresenta o presente e que projeta o futuro.

Para pensar o futuro, é preciso caminhar na direção certa no presente. Daí a necessidade de sistematizar o caminho percorrido.

NARRANDO A CAMINHADA

Da preocupação com as dificuldades de expressão oral e escrita manifestas por alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental do Colégio Agrícola de Bom Jesus foi que tivemos a iniciativa de construir um projeto de leitura e escrita que oferecesse alternativas e soluções para os problemas enfrentados no dia-a-dia do ensino de língua portuguesa e Redação.

Da concepção à implementação desse trabalho, algumas etapas foram sendo delineadas, sem, contudo, apresentar uma separação ou subordinação entre as mesmas. Assim, foi possível identificar os seguintes passos:

Garimpagem bibliográfica: como em toda escola pública, um dos problemas que se apresentavam para montar um acervo de livros destinado a alunos de 5ª e 6ª séries era a escassez de obras que atendessem ao gosto dessa clientela. Como dispomos de uma pequena biblioteca, o primeiro passo levou-nos em direção a biblioteca, onde “confiscamos” todos os livros e revistas que pudessem atrair a atenção de meninos e meninas na faixa etária de 10 a 13 anos. Em seguida trouxemos do nosso acervo particular, os títulos adquiridos ao longo da nossa experiência de 12 anos como profissional da linguagem. Somando a estes, fomos atrás dos/as colegas de profissão e conseguimos um bom número de livros que variavam entre contos, novelas, romances,

informativos, dentre outros. Por último, pedimos a cada aluno que trouxesse de casa uma ou mais obras que atendessem os objetivos propostos. Praticamente 100% dos alunos atenderam à solicitação. Posteriormente, quando os pais tomaram conhecimento mais detalhado do funcionamento do projeto, recebemos mais doações de material o que constituiu um significativo acervo de livros e revistas infanto-jovens. Com esse material, tivemos que dar um novo passo.

Sala de Leitura: com um pequeno tesouro armazenado na sala da coordenação pedagógica, surgiu um novo problema: onde colocar todo aquele material? Na biblioteca, seria disponibilizado para todos os alunos da escola e o objetivo era trabalhar com um público específico. Fomos então ao diretor solicitar um espaço para montar uma sala de leitura. Um depósito de ração seria o único espaço possível de ser arrumado. Aceitamos de pronto a oferta, e o espaço, depois de reformado e decorado à caráter, transformou-se no cantinho de leitura para alguns, ou sala de leitura para outros.

Material de apoio: Contando sempre com a participação direta dos alunos (uma forma de torná-los responsáveis pelo projeto), confeccionamos cartazes, colocamos tapetes e almofadas para tornar mais aconchegante o ambiente. Em seguida, marcamos todo o material com selos coloridos que atribuem uma determinada pontuação a cada livro ou revista, onde o selo verde equivale a 5 pontos; o azul a 10 pontos; o amarelo laranja, 15 pontos e o amarelo ouro, 20 pontos. Em função do grau de complexidade apresentado pela obra era atribuída maior ou menor pontuação. Paralelamente elaboramos uma ficha para cada aluno onde constava o seu nome, o nome do livro que seria emprestado, nome do(s) autor(es), data do empréstimo e data da devolução e ainda um espaço para anotações diversas.

Para conseguir a adesão dos alunos, foi preciso antes “vender o nosso peixe” a fim de despertar nestes a vontade de efetivamente participar do projeto, o que já vinham fazendo nas etapas preliminares. Principalmente, deixamos clara a estratégia de fugir da prática comum, que tem sido um martírio para alunos e professores, de trabalhar redação de forma convencional, centrada na artificialidade do uso da linguagem onde “os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não lêem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida”. (Leite, 2005, p. 17)

Tentando fugir ao tradicionalismo das aulas de redação, propusemos fazer da leitura o carro chefe da disciplina e o passaporte para o universo da escrita. Para

subsidiar esse processo, criamos uma ficha para cada aluno onde, semanalmente, eram anotados empréstimos feitos e a devolução posterior. A escolha de cada aluno recaía em critérios subjetivos como título, tamanho do livro, assunto, gênero literário. Como dispúnhamos de um acervo bem diversificado, foi possível atender a interesses diversos, desde o leitor de Shakespeare, Homero, José de Alencar e outros, da chamada literatura clássica, até o leitor dos novos autores e das novas propostas como Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, etc.

Durante todo o processo, foi interessante perceber como alunos que antes detinham-se apenas em um tipo de leitura, como revista em quadrinhos por exemplo, passam a transitar de um gênero para outro, tornando-se efetivamente um leitor eclético, aberto a qualquer possibilidade da palavra escrita. Muito gratificante também foi constatar que alunos que antes escolhiam um livro para ler pela sua “finurinha”, passaram a escolher motivados por outros aspectos, como a propaganda feita pelos colegas em sala de aula.

Mesmo deixando os alunos escolherem livremente a obra a ser lida e orientando os a manterem um ritmo de leitura semanal, havia a preocupação de “desinteressadamente” obter uma confirmação de que a leitura fora realmente realizada (tendo em vista que havia a possibilidade real de o aluno não ler o livro e dizer o contrário). Para evitar tal ocorrência, utilizou-se a leitura dos livros como pretexto (Geraldini, p.92) para produção de resumos, resenhas, roteiros de estudo, propagandas, ilustrações, a discussão oral. Assim, a cada livro lido, o(a) aluno(a) apresentava no seu caderno alguma produção escrita (a critério).

Outra forma de “prestar contas” sobre os livros lidos, era através da roda, onde a cada semana, um ou mais alunos falavam sobre o livro lido. Nesse momento consolidou-se o circuito do livro pois a “propaganda é a alma do negócio”. Às vezes, após uma apresentação oral, havia disputa na sala de leitura para pegar o livro comentado.

Algumas vezes, as obras lidas foram apresentadas em forma de dramatização para a turma e para a escola. Nesse momento, revela-se a capacidade de fazer uma reinterpretação da linguagem literária bem como o talento de alunos para as artes cênicas, sequer imaginado por colegas e professores.

LEITURA E ESCRITA: DUAS FACES DE UM MESMO TRABALHO

Não se pode negar que os exercícios de redação, na sala de aula, tem sido um martírio, não só para os alunos mas também para os professores que têm que “inventar”, a cada aula, novas práticas, se não quiser cair na rotina dos exercícios que se repetem ano após ano.

Tentando sair da mesmice dos temas propostos, da invariança do dia-a-dia e buscando construir uma prática significativa de leitura e escrita, foi que pensamos um projeto de leitura onde o aluno tivesse maior contato com a língua escrita, e conseqüentemente, desenvolvesse estas habilidades tão requeridas na sociedade da informação e do conhecimento na qual vivemos.

Após um ano de vivência desse projeto, pudemos constatar que esse é um caminho natural: à medida que o aluno amplia o seu universo de leitura, amplia também a sua capacidade de escrita, ou seja, a sua competência discursiva e, conseqüentemente, a sua interação sócio-cultural.

A partir da sistematização e organização do caderno de redação (primeira obra literária dos alunos), onde eram registradas informações sobre o percurso das leituras realizadas e produzidos textos diversos relativos aos conteúdos paralelos que eram trabalhados em sala, tomou-se como objetivo final do processo a produção de um livro, onde cada aluno participante do projeto escreve, ilustra e edita sua criação.

Assim, considerando a multiplicidade de leitores possíveis no processo de interlocução entre textos/autores/leitores, transitamos da leitura busca de informações, estudo do texto, função do texto para a leitura como pretexto (FONSECA & GERALDI, p. 104. 2005). Pretexto para aquisição da estrutura da língua, ampliação do vocabulário, desenvolvimento do pensamento criativo, aprimoramento da escrita individual e coletiva do grupo.

Durante todo o primeiro semestre, a ênfase foi dada à leitura e a sistematização (por escrito) das obras lidas. No segundo semestre, iniciou-se a criação do próprio livro onde os(as) alunos(as), sob a mediação da professora, eram responsáveis pela criação, ilustração e produção das próprias obras de arte.

Vivenciou-se um momento de trocas e partilhas muito interessante. Alunos que possuíam maior facilidade para desenhar, ilustravam livros de outros; aqueles que já detinham maior conhecimento de informática digitavam os textos para outros; uns revisavam a ortografia do texto do colega e até os pais engajaram-se para colaborar na produção do livro de seus filhos escritores. Inevitavelmente, toda a escola entrou no clima de euforia, e ao final do calendário letivo, fizemos o lançamento dos

livros editados, contando com a participação de todos – alunos, professores, pais, comunidade – onde o orgulho da conquista estava estampado no rosto de cada um dos sujeitos ali presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do ano de 2005 o projeto de leitura seria encerrado. Devido a boa aceitação da comunidade escolar e aos significativos resultados obtidos com os alunos, reiniciamos em 2006. Neste período, temos a certeza que aprendemos muito mais que ensinamos.

Aprendemos de fato, a valorizar mais o processo, a caminhada de cada leitor escritor, que o produto final. Aprendemos a respeitar o ritmo de cada aluno e as suas dificuldades/potencialidades. Para alguns, ler vários livros por semana era uma atividade rotineira. Para outros, ler um livro era uma grande conquista. Aprendemos a ouvir. Não só escutar, mas ouvir suas histórias, seus comentários, suas frustrações. Com isso, ampliamos nosso repertório literário, e assim como eles, nos vimos imbuída do desejo de conhecer certas obras por eles apresentadas. E assim, íamos mergulhando cada vez mais nesse universo maravilhoso da literatura infanto-juvenil.

Diante de muitas outras lições aprendidas, destacamos que ao professor cabe de fato criar um ambiente propício à leitura, não somente aquela leitura do livro–texto ou do livro–paradidático indicado, mas estimular leituras diversas, onde estejam presentes livros literários, didáticos, novelas, teatro, revistas (de quadrinhos. Científicas, de fofocas, de palavras cruzadas) jornais, manuais informativos, cartazes, enfim, todo tipo de linguagem que possa de fato interessar a jovens leitores em processo de formação, ainda que a interlocução que o nosso aluno faça com esses textos esteja aquém do que os mesmos possam oferecer.

Acreditamos que o mergulho no mundo da palavra escrita é cada vez mais profundo quanto mais soubermos mergulhar, pois “não cremos que haja leitura qualitativa no leitor de um livro só. Escolhemos um caminho que, respeitando os passos do aluno, permite que a quantidade gere qualidade, não pela mera quantidade de livros lidos, mas pela experiência de liberdade de ler utilizando-se de sua vivência para a compreensão do que lê” (FONSECA & GERALDI, p. 112. 2005).

Ao contabilizar a quantidade de pontos adquiridos por cada participante, (cada livro ou revista recebe um selo que varia entre 5, 10, 15 e 20 pontos) chegamos ao

impressionante resultado do 1º colocado, aluno da 5ª série, com 1.540 pontos referentes a 146 títulos lidos; o 2º colocado, obteve 1.040 pontos em 69 livros, e o 3º, 610 pontos por 46 obras lidas. Mesmo os alunos que menos se engajaram no projeto leram em média 12 livros/ano. Mais uma vez reafirmamos a convicção de que a quantidade de leituras gera a qualidade dos processos que formam leitores e escritores hábeis na utilização dos códigos lingüísticos.

Trabalhando com uma comunidade carente, onde o acesso aos livros é restrito em razão do alto custo dos mesmos, o sistema de empréstimo apresentou-se como uma alternativa interessante, tendo em vista a possibilidade de os alunos terem uma quantidade bem maior de obras e de trocarem vivências e experiências adquiridas no campo da leitura e escrita. Voltamos à prática da leitura compartilhada, socializada, numa clara retomada ao processo de democratização da leitura, no séc. XIX, quando as famílias organizavam serões domésticos, em que a figura do *lector* era elemento aglutinador de grupos e comunidades (PAULINO et al, p. 18, 2001).

Temos a certeza da incompletude desse trabalho. Sabemos das suas limitações. Todavia acreditamos que, mesmo considerando as lacunas existentes, boa semente foi plantada e bons frutos foram colhidos. Valeu a pena ver o desenvolvimento de pequenos leitores e o surgimento de jovens escritores. O campo foi fertilizado. Que outros colegas professores possam, embalados pela vontade de aprender, ensinar novos/velhos caminhos que levem ao mundo da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIENDE, Felipe & CONDEMARÍN, Mabel. *A Leitura: Teoria, Avaliação, e Desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

GERALDI, João Wanderley (org). *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2005.

MATA, Francisco Salvador. *Como Prevenir as Dificuldades na Expressão Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PAULINO, Graça (et al). *Tipos de Leituras, Modos de Leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

SOARES, Magda. *As Condições Sociais da Leitura: uma reflexão em contraponto*. In: ZILBERMAN, Regina: *perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.

SOUSA, Luiz Marques de. CARVALHO, Sérgio Waldeck de. *Compreensão e produção de texto*. Petrópolis, RJ: vozes, 1995.